

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal e o Imobilismo: A Pátria que Teme a Mudança

Publicado em 2026-05-19 09:53:04



BOX DE FACTOS

- Portugal continua a confundir estabilidade com desenvolvimento.
- O Estado digitalizou muitos procedimentos, mas raramente reinventou os processos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

divergente continuam a ser punidos.

- Sem espaço para o caos criativo, não há inovação verdadeira.

Portugal e o Imobilismo: A Pátria que Teme a Mudança

Portugal entrou no século XXI com computadores, plataformas digitais e discursos sobre inovação, mas continua muitas vezes a pensar com a cabeça administrativa do século XX. Mudaram as ferramentas; não mudou a alma do processo.

Há países que tropeçam porque arriscam. Portugal tropeça muitas vezes porque não se mexe. A diferença é substancial. Uns caem porque tentam atravessar a ponte do futuro; nós ficamos, demasiadas vezes, sentados à entrada da ponte, a pedir mais um parecer, mais uma assinatura, mais uma comissão, mais um despacho, mais um regulamento, mais uma prudência solene para justificar a inacção.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

como se fosse um animal perigoso fugido de um laboratório.

Em Portugal, ainda se olha demasiadas vezes para quem propõe uma transformação como se estivesse a perturbar a ordem natural do universo. A frase fatal aparece logo, vestida de sabedoria antiga: “**Sempre se fez assim.**” E quando uma sociedade transforma esta frase em doutrina, o futuro deixa de ser uma possibilidade e passa a ser apenas uma palavra bonita para discursos de encerramento.

A digitalização do velho

Um dos grandes equívocos nacionais foi acreditar que digitalizar significava modernizar. Não significa. Digitalizar um mau processo é apenas dar-lhe uma interface mais brilhante. É pôr verniz tecnológico sobre madeira podre. É substituir o carimbo por um botão, mantendo intacta a mesma lógica de desconfiança, lentidão e fragmentação.

O Estado português tem feito isso com uma persistência quase artística. Cria plataformas, portais, formulários electrónicos, autenticações, códigos, anexos, validações, mensagens obscuras e erros técnicos que parecem escritos por um burocrata existencialista numa tarde de nevoeiro. Mas raramente pergunta o essencial: **este processo ainda faz sentido?**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mais nas pessoas do que na multiplicação absurda de comprovativos.

Mas isso exigiria coragem. E coragem administrativa é uma espécie rara, quase protegida, talvez já avistada em certos gabinetes durante breves segundos, antes de desaparecer por detrás de uma directiva interna.

Empresas com organigramas do tempo dos avós

O problema não vive apenas no Estado. Vive também em muitas empresas, mesmo naquelas que enchem apresentações com palavras como inovação, agilidade, transformação digital, inteligência artificial e liderança colaborativa. O vocabulário mudou; a estrutura mental, essa, continua muitas vezes sentada numa cadeira de madeira, ao fundo da repartição.

Ainda há organizações que funcionam como pequenos feudos. Chefias que confundem autoridade com inteligência. Departamentos que vivem em silos. Processos que ninguém questiona porque questionar dá trabalho, incomoda hierarquias e pode revelar uma verdade perigosa: talvez grande parte do mecanismo exista apenas para justificar quem o controla.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quando se aproxima demasiado da realidade.

O trabalhador criativo, aquele que vê atalhos, propõe soluções, desmonta ineficiências e imagina novas formas de fazer, é frequentemente classificado como “difícil”. Não porque seja difícil, mas porque obriga os outros a pensar. E pensar, em certas estruturas, continua a ser considerado uma actividade de risco.

A estabilidade como culto

Portugal tem uma relação quase sentimental com a estabilidade. Ela é invocada como se fosse sempre uma virtude. Mas há uma diferença profunda entre estabilidade e estagnação. A estabilidade é uma base para construir; a estagnação é uma campá bem arrumada.

Uma sociedade precisa de alguma ordem, naturalmente. Precisa de instituições sólidas, regras claras, continuidade e confiança. Mas quando a estabilidade se torna desculpa para não mudar, deixa de ser prudência e passa a ser medo. E o medo, quando governa uma sociedade, transforma a imaginação em ameaça.

O futuro não nasce de sistemas totalmente imóveis. Nasce de tensões criativas, de experimentação, de tentativa e erro,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há sempre alguém pronto a responder que não é oportuno, não há enquadramento, não há orçamento, não há despacho, não há tradição, não há precedente, não há autorização superior. Em suma: não há futuro, mas há muita papelada.

O caos criativo que Portugal pune

Todas as sociedades inovadoras reservam algum espaço ao caos criativo. Não ao caos da incompetência, da aldrabice, do improvisado irresponsável ou da desorganização crónica. Desse, infelizmente, Portugal já conhece bastante — muitas vezes com gabinete, motorista e subsídio.

O caos criativo é outra coisa. É o espaço onde se pode experimentar sem ser imediatamente condenado. Onde uma ideia ainda imperfeita pode amadurecer. Onde o erro não é tratado como crime, mas como parte do processo de aprendizagem. Onde equipas multidisciplinares cruzam saberes, desmontam certezas e constroem soluções novas.

Sem este espaço, a inovação morre antes de nascer. Fica reduzida a seminários, slogans, planos estratégicos, fotografias institucionais e frases ocas sobre o futuro. O país fica cheio de comissões para estudar a inovação e vazio de liberdade para a praticar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

temos talento, temos investigadores, temos técnicos, temos engenheiros, temos programadores, temos jovens brilhantes — e depois temos estruturas que os empurram para fora, os cansam por dentro ou os obrigam a adaptar-se à mediocridade dominante.

O preço da aversão à mudança

O immobilismo tem custos. Não aparece sempre numa factura única, mas vai sendo cobrado ao longo dos anos. Cobra-se em produtividade baixa. Em serviços públicos lentos. Em empresas pouco ambiciosas. Em jovens que emigram. Em investigadores que não encontram ecossistemas capazes de transformar conhecimento em valor. Em cidadãos que perdem horas, dias e meses a lutar contra labirintos administrativos que já deviam ter sido demolidos.

Cobra-se também na alma colectiva. Uma sociedade que castiga a iniciativa acaba por criar cinismo. As pessoas deixam de propor. Deixam de acreditar. Deixam de tentar. Aprendem que o sistema prefere a submissão à inteligência e a rotina à invenção.

E assim nasce o país do “não vale a pena”. Uma expressão terrível. Talvez uma das mais destrutivas da língua portuguesa. Porque quando um povo começa a acreditar que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há quem confunda mudança com destruição. É uma confusão conveniente. Serve para assustar os prudentes, proteger os instalados e transformar qualquer proposta reformadora numa ameaça à ordem pública.

Mas mudar não é destruir. Mudar é seleccionar o que merece continuar e abandonar o que já não serve. É respeitar a memória sem ficar prisioneiro dela. É perceber que a tradição só tem valor quando alimenta a vida, não quando serve de âncora à decadência.

Uma sociedade madura não tem medo de se rever. Não transforma todos os processos antigos em relíquias sagradas. Não obriga o presente a ajoelhar-se perante o passado. Aprende, corrige, simplifica, experimenta, adapta-se.

Portugal precisa dessa coragem tranquila: a coragem de mudar sem histeria, de reformar sem espectáculo, de inovar sem pedir desculpa, de abrir espaço aos que pensam diferente sem os tratar como corpos estranhos dentro da máquina.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

engenho técnico, criatividade cultural e uma diáspora que conhece o mundo. Mas continua a falhar demasiadas vezes no ponto decisivo: transformar inteligência em acção, conhecimento em riqueza, ideias em projectos, projectos em instituições vivas.

Falhamos não por falta de capacidade, mas por excesso de bloqueio. Não por ausência de pessoas capazes, mas por abundância de estruturas que não sabem o que fazer com elas. O país não sofre apenas de falta de recursos; sofre de falta de liberdade organizacional para usar bem os recursos que tem.

O futuro exige uma cultura diferente. Uma cultura onde a mudança deixe de ser vista como ameaça e passe a ser entendida como respiração. Onde o erro honesto seja parte da aprendizagem. Onde a inteligência prática tenha mais valor do que a reverência hierárquica. Onde o mérito não precise de pedir licença à antiguidade. Onde o caos criativo tenha lugar antes que o país inteiro se transforme num arquivo morto com vista para o Atlântico.

Epílogo: o futuro não espera por repartições

O mundo não vai esperar que Portugal conclua mais um estudo, nomeie mais uma comissão, aprove mais um

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A questão é simples: queremos ser autores do futuro ou funcionários do passado?

Uma sociedade avessa à mudança pode conservar as suas rotinas durante algum tempo. Pode até chamar prudência ao medo, experiência à repetição e estabilidade ao imobilismo. Mas, mais cedo ou mais tarde, descobre uma verdade dura: quem se recusa a mudar acaba mudado pela irrelevância.

Portugal precisa de abrir as janelas. Deixar entrar ar novo. Permitir alguma desordem fértil. Escutar os inquietos. Libertar os criadores. Desconfiar menos dos que propõem e mais dos que nada arriscam. Porque uma nação não se desenvolve ajoelhada perante o “sempre foi assim”.

Desenvolve-se quando alguém, contra a poeira dos hábitos e o tédio das hierarquias, se levanta e diz:

Não. Desta vez vamos fazer melhor.

Crónica de Francisco Gonçalves

Publicado em **Fragmentos do Caos**

Com a colaboração editorial de Augustus Veritas

— porque até o caos precisa, por vezes, de uma lanterna acesa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ousadia, contra a aventura, contra o desconhecido. Era o medo vestido de sabedoria. Era a prudência transformada em paralisia. Era o passado a tentar impedir que Portugal se lançasse ao mar.

O problema é que os Velhos do Restelo nunca desapareceram. Apenas mudaram de roupa. Já não esperam pelas naus junto ao Tejo; ocupam gabinetes, assinam pareceres, bloqueiam projectos, travam reformas, desconfiam da criatividade e chamam irresponsabilidade a tudo o que não compreendem. São os guardiões do “não vale a pena”, os sacerdotes do “sempre se fez assim”, os funcionários superiores da imobilidade nacional.

Contra esses novos Velhos do Restelo, Portugal precisa novamente de partir. Não em caravelas, mas em ciência, tecnologia, educação, indústria, cultura, inovação e liberdade criadora. Porque uma nação que escuta demasiado os profetas do medo acaba por nunca sair do cais.

Portugal não é apenas herdeiro dos navegadores. É também herdeiro dos que ficaram no cais — dos prudentes sem coragem, dos sábios do medo, dos guardiões da imobilidade. Talvez por isso ainda hoje

Blogue Fragmentos do Caos




A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Francisco Gonçalves (2026)

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)